



“Preparar, contar, teatro:”

Possibilidades com a contação de histórias e o jogo teatral.”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
LICENCIATURA EM TEATRO

Letícia Beatriz Utzig

Preparar, contar, teatro:
Possibilidades com a contação de histórias e o jogo teatral

Santa Maria, RS
2022

Letícia Beatriz Utzig

Preparar, contar, teatro:

Possibilidades com a contação de histórias e o jogo teatral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Disciplina de TCC II do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Teatro.

Profª Drª Cândice Moura Lorenzoni

Santa Maria, RS
2022

Resumo

O presente trabalho tem como proposta revisitar a história de vida da autora, entrelaçando a história de sua infância e as suas experiências com o teatro, a partir dos Estágios Supervisionados em Docência em Teatro I e II, no curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Assim sendo, esse entrelaçar-se tem como cenário a sala de aula, ainda que ambos estágios tenham sido realizados de maneira remota, com turmas de Ensino Fundamental e Médio. A pesquisa, portanto, parte do tema “Contação de Histórias e a Prática Teatral”. Além disso, a partir de diversos autores, especialmente das autoras Luciana Hartmann (2014) e Bia Bedran (2012), foi possível realizar uma análise sobre o desenvolvimento do trabalho e o ato de contar histórias. Diante disso, pode-se constatar que os estudantes, de ambos os níveis e cada um no seu tempo, se dispuseram à realização desse trabalho, se permitindo jogar, brincar e contar histórias através da linguagem teatral.

Palavras-chave: Contação de Histórias, Teatro, Estágio Supervisionado.

Abstract

The present paper proposes to revisit the author's life story, intertwining the story of her childhood and her experiences with the theater, from the Supervised Teaching Internships in Theater I and II, in the Degree in Theater at the *Universidade Federal de Santa Maria* (UFSM) [Federal University of Santa Maria]. Therefore, this intertwining takes place in the classroom, even though both stages have been carried out remotely, with elementary and high school classes. The research, therefore, starts from the theme “Storytelling and Theatrical Practice”. In addition, from several authors, especially the authors Luciana Hartmann (2014) and Bia Bedran (2012), it was possible to perform an analysis on the development of work and the act of telling stories. That said, it can be seen that students, from both levels and each in their own time, were willing to perform this paper, allowing themselves to play and tell stories through theatrical language.

Keywords: Storytelling, Theater, Supervised Internship.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, me incentivaram, me auxiliaram e que fizeram parte da minha trajetória de vida, de estudante e de se tornar artista-professora.

Agradeço as minhas orientadoras Camila, Cândice e Tatiana. Sim, três, porque uma é pouco, duas é bom e três é demais! Obrigada por terem embarcado nessa história comigo e, mesmo com todas as reviravoltas, terem me ajudado a chegar no resultado que é esse trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço também a todos(as) os(as) professores(as) do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e também às professoras que compõem a banca do presente trabalho, principalmente pelos ensinamentos, pelas experiências e vivências compartilhadas e pelo olhar sensível.

Agradeço aos meus colegas Diordinis, Douglas e Marcia, os quais estiveram sempre comigo estudando de madrugada, ensaiando em finais de semana ou fazendo grupos de trabalho. O quarteto que estava sempre segurando a mão do outro e que sempre deu força para que eu chegasse até aqui, afinal, foram 4 anos de muitos acontecimentos e estávamos sempre um ao lado do outro.

Agradeço também à minha família do apartamento 62, àquelas que compartilharam a vida comigo, que transformavam o cotidiano em algo mais leve e divertido: as minhas colegas de quarto Gabriela e Odeise.

Agradeço à minha avó, porque ela é a minha maior inspiração. Nunca mediu esforços para ajudar a todos da família e sempre esteve ao meu lado, me ajudando, preparando lanchinhos e tomando mate comigo, porque é isso que gostamos de fazer. Obrigada por me contar histórias, por me provocar a pensar, a imaginar e a contar histórias também.

Agradeço à minha família, meu alicerce. Ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã, ao meu namorado e à minha Leona, por terem sempre me apoiado e me dado forças para continuar e chegar onde estou.

Aos meus pais, João e Lenir, que mesmo sofrendo com a distância e a saudade sempre fizeram de tudo para me fazer feliz. Foram vocês que me guiaram, seguraram na minha mão e estavam prontos para mim quando eu mais precisei, ao longo de toda a minha vida.

À minha irmã Laura, que desde que nasceu foi minha parceira, minha melhor amiga, que sempre me fez ter vontade de ser cada vez melhor e superar meus objetivos, que me mostrou o meu lado protetor e construiu muitas histórias comigo.

À minha Leona, minha cadelinha, minha fiel companheira, que aquece meu coração, que me faz tão bem e que nunca saía do meu lado e sempre estava comigo, apesar dos incansáveis momentos de estudo.

Ao meu namorado, Alex, que me incentiva, acredita em mim, me apoia e sempre me auxilia no que eu preciso, ele me mostra que sou capaz de chegar aonde eu quero.

Para finalizar, agradeço a todos que fizeram parte desse trabalho e da minha história, em especial a todos aqueles que me contaram histórias. Obrigada.



“Eu faço histórias para contar histórias. Na minha infância ouvi muitas e até hoje meus avós me contam algumas, ou melhor, me ensinam a ser um contador de histórias.”

(Mauricio de Sousa, 1982)

Sumário

1- ERA UMA VEZ, EU MESMA.....	10
2- COMPANHEIROS DESSAS HISTÓRIAS.....	16
3- O ATO DE CONTAR.....	28
4- FINAL FELIZ.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1- *Era uma vez, eu mesma*

*D*essa vez, contarei a história que mais sei contar: a minha. Algumas histórias seguem uma ordem cronológica, mas a minha história é sobre o porquê estou onde estou, sobre minhas transformações, minhas versões e meus atravessamentos e, por isso, essa é uma história diferente.

Afirmo isso porque foi através de um exercício autobiográfico, proposto em aula pela Prof^a Orientadora Camila Borges, no início do ano de 2021, para a realização do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tudo começou. Nesse exercício, eu deveria escolher três fotos que descrevessem a minha vida até o momento e, a partir da seleção das fotos e da narrativa escrita, surgiu a ideia de fazer ilustrações e contar mais sobre a minha trajetória. As ilustrações foram feitas por uma artista visual que conheci através da rede social *Instagram*, chamada Brisa Ilustra. Além disso, todas as ilustrações presentes nesta pesquisa foram feitas e pensadas especialmente para este trabalho, levando em conta o tema e a proposta deste estudo, bem como os meus desejos pessoais. Assim, esse processo me auxiliou a expressar o que as palavras não conseguem, sendo as ilustrações parte do texto.

Bom, vou começar novamente:

Era uma vez eu mesma, uma criança brincalhona, carismática, simpática, que sempre teve bastante amigos e conquistava a todos, independentemente da idade. Para mim, sempre foi fácil fazer amizades. Nasci e cresci em uma cidade pequena, no interior do Rio Grande do Sul, em Santo Cristo, e esse sempre foi o meu lar, onde eu conhecia toda a cidade e tive liberdade para correr e brincar na rua e nas praças, até mesmo durante a noite.

Sempre fui uma criança feliz, com meus pais sempre presentes, com meus tios, tias, padrinhos e madrinhas me apoiando em tudo, dos meus primeiros passos às minhas primeiras palavras.

Na família do meu pai, eu era a única criança e toda a atenção era voltada para mim, e eu adorava isso. Na família da minha mãe tinha muitos primos, tanto mais velhos quanto mais novos, e eu adorava isso também, tudo era motivo pra se reunir e sempre terminava em bagunça e em muitas brincadeiras.

Quase todas as tardes eu e minha mãe íamos na casa da minha avó, lá sempre era tudo liberado, bagunça total. Eu e minhas primas brincávamos muito e de muitas coisas, principalmente com coisas relacionadas à natureza, nas árvores, com a terra e nos rios, sempre nos reinventando.

Aos 4 anos fui, pela primeira vez, para a escola, minha mãe estava mais nervosa do que eu. Eu entrei na sala de aula e já tentei fazer muitos amigos. Minha mãe ficou um tempo me olhando na janelinha que dava para a sala de aula, eu entrei e fui sentar ao lado de umas meninas, sempre tentando me enturmar logo, mas aquelas meninas não tinham a mesma intenção que eu e, com isso, me fizeram levantar e sentar em outro lugar, pois ali eu não poderia ficar. Não entendi muito bem o porquê daquela situação, mas fiz o que pediram: fui sentar em outro lugar, do outro lado da sala de aula. Minha mãe me conta que, diante daquela situação, ela queria me tirar daquele lugar, queria me levar para casa, me dar um abraço, pois com ela eu saberia que estava segura.

Mas ela se conteve e então foi trabalhar. Nesta época, minha mãe trabalhava como doméstica e seguiu o dia dela. Quando chegou o horário de ir me buscar na escola, ela largou tudo e foi correndo. Mas, para a sua surpresa, eu tinha amado a aula e nem queria ir para casa, queria ficar mais um pouco na escola. Será que eu não tinha percebido o que meus colegas tinham feito comigo?



Nesse mesmo período de tempo, recebi a notícia de que agora eu seria a irmã mais velha. Eu queria uma menina, meu pai dizia que era um menino e, mesmo na barriga, minha irmã já era teimosa e mostrou que seria uma menina só quando nasceu, pois até então não sabíamos o seu sexo. Escolhi o seu nome: Laura. E, mesmo com 6 anos de diferença, eu sabia que tinha ganhado mais que uma irmã, estava ganhando uma melhor amiga para a vida toda.

Eu não queria mais estudar, relacionava a escola a um ambiente ruim e que me fazia muito mal. Até que, certo dia, o destino resolveu agir a meu favor – era o que eu pensava na época ou talvez ainda pense, na verdade.

A escola em que eu estudava fechou e, com isso, tive que ir para uma outra escola. Senti medo e angústia, pois mesmo sofrendo lá na outra escola, eu já estava acostumada com ela, lá era o meu “habitat”. Chegando na outra escola, fui bem recepcionada, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Me senti em casa, finalmente encontrei o meu lugar e, pela primeira vez, vi o quão bom era estar em uma escola. Nessa escola eu cresci, evoluí, tive vontade de estudar, tive uma melhora nas notas e até a minha letra ficou mais bonita! Ah, também participei de todas as oficinas que a escola ofertava.

Ali tive uma professora que me apresentou a arte. Descobri algo que já estava dentro de mim: as artes. Havia algumas oficinas de dança, coral e teatro, e eu participava de todas, pois mesmo não sabendo cantar e dançar, eu adorava estar envolvida nas artes. Sempre que possível, no turno contrário da minha aula, eu e mais alguns colegas nos vestíamos de palhaços e fazíamos brincadeiras, pinturas e jogos com as crianças.

Foi nesse período que eu decidi que queria isso para a minha vida. Em outras palavras, para ser mais específica: eu queria cursar teatro. Todos sempre me perguntavam o porquê escolher essa faculdade e não outra. Eu nunca soube responder, só soube sentir.

Sempre morei em uma cidade pequena, que não tem teatro e companhias teatrais, mas isso



nunca me fez deixar de amar a arte, afinal, eu sempre disse que nasci com esse amor dentro de mim porque não havia outra explicação.

No ensino médio fui estudar em uma outra escola, pois esta era (e ainda é) a única escola que tinha esse ensino na minha cidade. Contudo, lá não havia outras oficinas, a não ser o coral. Além disso, comecei, a partir do 1º ano, a estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois queria passar na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), esse era o meu sonho.

Durante meu ensino médio estudei muito e passei em diversos cursos de instituições privadas e públicas, mas em nenhuma delas me inscrevi no curso de teatro ou no curso de artes cênicas – os cursos que eu realmente queria. Engraçado, né?!

Hoje eu sinto que tentei fugir do meu sonho muitas vezes. Será que era por medo? Talvez pelos julgamentos? Ou qual seria, então, o motivo? Sinceramente, ainda não sei responder isso.

Ah, desde o meu 2º ano, trabalhei em uma videolocadora e como atendente de banco. Juntei dinheiro e, com a ajuda dos meus pais, consegui fazer a carteira de motorista, pagar minhas próprias contas e comprar um celular, o que foi muito bom para mim.

No ano de 2018, ingressei no Curso de Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Finalmente eu estava realizando o meu sonho: me mudar para Santa Maria e estudar teatro. Isso, sem dúvidas, foi o que eu sempre quis fazer, mas também foi a coisa mais difícil que fiz em toda a minha vida.

Sair da minha casa, dos abraços da minha mãe, da proteção do meu pai, da parceria e companheirismo da minha irmã... sair de uma cidade pequena, acolhedora e cheia de amigos... para ir morar em uma cidade grande que não conhecia nada e quase ninguém.



Chorei por dias, foi tão difícil, mas ainda bem que existem anjos em minha vida. Um deles foi meu querido tio Gilmar, que antes era um anjo na terra e agora é no céu. Ele sempre fez de tudo para ver toda a família bem e, quando decidi morar em Santa Maria, minha mãe sofreu muito e ele conversou e acalmou ela. Ele era caminhoneiro e sempre que passava por Santa Maria, ou quando passava por perto, me dava carona, para assim eu poder ver a minha família. Nossas viagens eram ótimas, sempre pude contar com ele, para tudo.

(Obrigada por tudo, tio. Eu te amo para sempre!)

Eu sempre me considerei uma pessoa muito determinada e sempre fui atrás do que eu queria ou precisava. No 1º semestre da graduação, por exemplo, fui logo atrás de uma bolsa. Lembro da professora me perguntando se eu já havia dado aula ou feito contação de histórias, falei para ela que não tinha feito nenhum dos dois, mas que eu aprendia rápido, que eu me dedicaria para aprender sobre a contação de histórias.

Consegui a bolsa e foi uma das melhores coisas que eu já fiz. Entrei numa sala, com mais de 30 estudantes, sem ter nenhuma experiência, mas foi ali que tive a certeza de que escolhi a profissão certa para mim. Tive um ótimo retorno das professoras da escola e da direção, as quais no ano seguinte já solicitaram meu retorno. E foi assim que começou meu interesse em estudar e pesquisar o que já estava presente em minha vida (e eu nem sabia): a contação de histórias. É isso mesmo: a contação de histórias estava presente na minha vida sem eu nem saber o que ela significava. Antes mesmo de eu refletir sobre ela.

Minha mãe sempre lia muitas histórias para mim, ela tinha coleções de livros enormes e, mesmo quando eu não sabia ler, eu passava horas olhando as ilustrações e imaginando a minha própria história. Minha tia contava causos, lendas... Na verdade, acho que ela adorava nos assustar e também nos provocar a investigar se os causos que ela contava eram reais ou não.

E a minha avó, a minha maior contadora de histórias, sempre me contava sobre os desafios da sua vida no interior, sobre suas brincadeiras e também sobre as brigas com seus irmãos. E, com suas histórias, ela me ensinou muito mais do que imagina,

ela me ensinou e me provocou a pensar, me deu várias lições e me fez ver o mundo e a contação de histórias de uma forma diferente.

Eu vivia rodeada de contação de histórias e, quando fui trabalhar e pesquisar sobre isso, trouxe à tona várias versões de mim, da Letícia criança que adorava e ficava encantada com as histórias que escutava, da Letícia que conheceu o teatro na escola e que escolheu fazer teatro como profissão e ingressou na faculdade, da estudante, da pesquisadora e, agora, da atual artista-professora em formação.

O teatro e a contação de histórias me permitiram conhecer mais sobre mim mesma. Me permitiram olhar para trás e entender o porquê estou aqui e agora. Mas calma, essa história ainda não terminou, ela:

Continua...

2- *Companheiros dessas histórias*



Frio na barriga, nervosismo, entrei no portão, segui até a metade do corredor, abri a porta, silêncio, liguei as luzes, arrumei as cadeiras, preparei o ambiente, a voz, o corpo, estava estreando um espetáculo, um novo, aquele que havia me preparado, que me joguei de paraquedas, toca a sirene, 3, 2, 1 e... Lá vêm os estudantes, entram na sala de aula correndo, eufóricos. Estava feliz e nervosa ao mesmo tempo, não conseguia parar de sorrir, eles estranharam um pouco o fato de ter uma pessoa diferente naquela sala, sentaram em suas cadeiras e se perguntaram: “Quem é? O que vai ter?”. Depois que todos haviam chegado na sala, expliquei que fui selecionada para trabalhar como estagiária e que agora iria ser a professora de artes, que iríamos fazer teatro, jogar, brincar e também contar histórias e, nesse momento, todos pularam e se abraçaram. Parecia que o time do coração havia ganhado um título, eles gritavam “TEATRO, TEATRO, TEATRO”... Vibravam, aplaudiam, como um espetáculo que foi apresentado com êxito.

A primeira vez que entrei em uma sala de aula, como professora, foi assim. Eu estava no primeiro semestre da graduação, iniciei como Bolsista de Contos de Fadas, utilizei planos de aulas já prontos, feitos pela professora da turma. E, quando comecei a me sentir confiante, fui ousada, comecei a fazer meus próprios planos de aula. Iniciei com jogos teatrais e tive um ótimo retorno dos estudantes, professores, coordenadores e diretores da escola, principalmente da orientadora da bolsa.

Foi aí então que decidi unir duas coisas que eu amava: a contação de histórias e o teatro. Um auxilia o outro e, nessa dança da vida, os dois se complementam. Quanto mais eu pesquisava, mais estudava e me apaixonava ainda mais pelo tema.

Optei por trabalhar, no meu Estágio Supervisionado em Docência em Teatro I e II, com a “Contação de histórias e prática teatral”. Para a execução dos estágios, utilizei vários jogos teatrais, alguns que fizeram os estudantes relembrem da infância, permitindo que brincassem. Recorri também aos jogos populares, para que assim fosse possível que os participantes contassem histórias de uma forma leve e divertida.

O Estágio I foi realizado no ano de 2020, de maneira remota, na escola de Educação Básica Leopoldo Ost, localizada na cidade de Santo Cristo-RS. Nele, trabalhei com quatro turmas do Ensino Fundamental, duas turmas do 4º ano e duas turmas do 5º ano, com idades entre 9 e 11 anos.

Em relação ao Estágio II, este ocorreu no início do ano de 2021, também de maneira remota, mas agora na escola Instituto Estadual Visconde de Cairu, localizada na cidade de Santa Rosa-RS. Foi realizado com três turmas do 2º ano do Ensino Normal (magistério), com idades entre 15 e 17 anos.

Desse modo, ambos os estágios foram realizados a partir do tema “Contação de histórias e a prática teatral”. Além disso, durante as aulas, procurei provocar os estudantes a serem os próprios contadores de suas histórias, enquanto eu me colocava no lugar de ouvinte, expectadora. Ademais, realizei as mesmas atividades nos dois estágios, para poder perceber as diferenças, as aproximações e como cada turma trabalhava e reagia às atividades propostas.

Esta ideia surgiu inspirada na pesquisa da Prof^a. Doutora Luciana Hartmann, intitulada “Crianças contadoras de histórias: narrativa e performance em aulas de teatro”. Nesta investigação, além de observar e construir dados, a autora também participou das práticas, que foram desenvolvidas, de forma que, segundo Hartmann (2014, p.231), “as crianças também são consideradas pesquisadoras, atuando como autoras e narradoras de suas próprias histórias.”.

Uma das atividades que propus nos dois estágios, por exemplo, foi a Contação de Histórias através do áudio. Nessa atividade, sugeri que cada estudante escolhesse livremente uma história, gravasse-a e me enviasse através da rede social *WhatsApp*. Não foram todos os estudantes que realizaram a atividade, no Ensino Fundamental recebi 13 áudios com histórias do 4º A, 16 envios do 4º B, 19 do 5º A e 10 do 5º B. Já no Ensino Médio, recebi 12 áudios do 2º NA, 10 do 2º NB e 11 do 2º NC. Mas isso não foi um problema, pois tentei deixar todos os estudantes livres, para que se sentissem confortáveis em participar ou não dos jogos e das atividades propostas.

Cabe ressaltar que, nessa atividade, recebi diversas histórias, piadas, contos, causos e lendas sobre a vida e sobre a infância. Com isso, escolhi uma história de cada turma, selecionando a que eu mais gostei. A partir dessa escolha, criei um personagem e a sua personalidade, com base nas percepções que tive da turma.

Nesse contexto, sabe-se que tanto no teatro, quanto nos livros, e como em toda boa história, existem personagens com inúmeras características que atraem nossa atenção e nos capturam para seu universo. Desse modo, escolhi alguns personagens a partir das histórias contadas que me auxiliaram a compor o presente trabalho. Eles foram (re)criados através das práticas realizadas nas aulas e das atividades propostas em ambos os estágios. Para tanto, apresento a vocês os personagens que irão contar, junto comigo, essa história:

O primeiro personagem é o **@Vb**, e eu o escolhi para representar a turma do 4º ano A, do Ensino Fundamental, porque gostei da forma que o estudante construiu a história, pois ele escolheu o jogo que mais gosta e, além disso, se incluiu como personagem.

Com isso, a turma do 4º A passou a ser representada pelo **@Vb**. Esse personagem é um pouco desconfiado, tímido e posso dizer que até mesmo receoso, mas quando conquistado, ele confia, joga, se diverte, brinca e experimenta, tem ideias brilhantes e adora jogos com vários desafios.

História do 4ºA do Ensino Fundamental:



“Era uma vez dois amigos que gostavam de jogar videogame. O primeiro se chamava Victor, o segundo se chamava Bruno, e eles estavam jogando o jogo *Minecraft*, até que os dois foram sugados para dentro do jogo. Os dois ficaram sem entender nada até que o Bruno falou: – Victor a gente entrou dentro do Minecraft, olha, tudo é quadrado. E o Victor respondeu: – Verdade, Bruno. Chegou a hora deles pegarem madeira, viram vários e vários monstros e, algum tempo depois, os monstros desapareceram, algumas horas já tinham se passado, já estavam preparados para enfrentar o boss mais forte. Acionaram o portal e Bruno falou: – Ai Victor, estou com muita pouca vida, consegue me dar a sua maçã dourada? Victor respondeu: – Sim Bruno, darei a minha maçã dourada para você, tome. E os dois derrotaram o boss mais forte e se tornaram os jogadores mais fortes do *Minecraft* da história”.

O segundo personagem, **Caçador de Lendas**, é o personagem que eu escolhi para representar a turma do 4º ano B do Ensino Fundamental, porque ele representa a história pessoal de uma brincadeira, de uma diversão.

Com isso, a turma do 4º B passou a ser o **Caçador de Lendas**. E, em busca de novas histórias, o **Caçador de Lendas** segue o seu caminho, sempre bem acompanhado, tem muitos amigos e também tem seus fiéis companheiros: os animais. O **Caçador de Lendas** tem gato, coelho, cachorro, papagaio, pato e até um porquinho de estimação. Ele está sempre alegre e gosta muito de brincar.

História do 4ºB do Ensino Fundamental:



“Eu e meu primo, a gente gosta muito de brincar de caçadores de lendas, a gente olha bastante e gosta disso, aí, às vezes, quando ele vem aqui em casa, ele mora em Santo Ângelo, a gente brinca de caçadores de lenda, de mentira, assim. Aí um dia a gente foi na frente de casa e fingimos que era uma lenda e que alguma coisa aparecia em cima da árvore, aí fomos fazendo a história, fingindo que estávamos gravando vídeo e tal, aí quando viramos pro lado pra fingir que vimos alguma coisa, aí a gente viu uma coisa mesmo, lá em cima da árvore, uma coisa tipo meio que um tronco de árvore, mas bem no meio da árvore, aí a gente quase se cagou de medo e voltamos para dentro de casa, jantamos, mas não falamos nada, aí nunca mais brincamos disso. Mentira, nós brincamos bastante ainda disso”.

O terceiro personagem, **Pedrinho**, é o personagem que eu escolhi para representar a turma do 5º ano A do Ensino Fundamental. Porque assim como o **Caçador de Lendas**, **Pedrinho** também conta uma história pessoal, a qual envolve suas aventuras com seus amigos e a emoção que sentiram durante essas vivências.

Com isso, a turma do 5º A passou a ser o **Pedrinho**. Apresento-o como um menino travesso, mas com grande coração. É assim que ele conquista e diverte a todos que estão ao seu redor, ele também é muito falante, sempre puxa assunto e está falando com você sobre tudo, até mesmo sobre o tempo, mas ele fala rápido, pois sempre está apressado, querendo a próxima diversão.

História do 5ºA do Ensino Fundamental:



“Um certo dia, eu e mais dois amigos, fomos no Botafogo e a gente estava provocando os quero-quero e de repente eles vieram atrás da gente. Foi uma correria desgraçada. Nós sentimos muita emoção, foi muito legal”.

O **Ka** é o quarto personagem que eu escolhi, agora para representar a turma do 5º ano B do Ensino Fundamental. Ele conta a história de dois estudantes da turma, como eles se conheceram e como se tornaram amigos. Uma amizade que é cultivada até hoje.

Com isso, a turma do 5º B passou a ser representada pelo **Ka**. Esse personagem é o amigo mais tranquilo de toda a turma, ele sempre está disposto a ajudar quem precisa, mesmo que ele nem conheça a pessoa. Ele adora jogos, desafios, brincadeiras e sempre é o primeiro a querer participar, mas antes gosta de saber tudo o que vai acontecer, pois é curioso, mas também gosta de deixar algumas dúvidas nos outros amigos.

História do 5ºB do Ensino Fundamental:



“Vou contar o dia que conheci meu melhor amigo. Uma vez fui na creche, no primeiro dia, assim fui conhecendo um por um e em uma semana já sabia o nome de todos da creche, mas tinha um que o nome se chamava Kaike. Desde então comecei a conversar com ele e a gente começou a se falar, a gente não gostava muito um do outro, mas se falava. Agora, hoje em dia, somos amigos e estudamos juntos. E foi assim que conheci meu melhor amigo, na creche. E quando sai de lá e fui estudar na Leopoldo, no 1º ano ele estava na mesma turma que eu e fiquei feliz e até hoje a gente conversa”.

O **Paulinho** – o polvo é o quinto personagem que eu escolhi, para representar a turma do 2º Ano do Ensino Normal A. Esse personagem advém de uma história que trabalha com um personagem fictício e, quando o estudante contou essa história, ele fez diversas vozes, o que deixou a história ainda mais chamativa.

Com isso, a turma do 2º NA passou a ser representada pelo **Paulinho**, que é bem desconfiado. Ele, o polvo, com seus vários tentáculos, gosta de sentir e conhecer muito bem o que vai fazer e de quem vai ser amigo, mas quando ele conhece, ele é o seu melhor amigo. **Paulinho** gosta de brincar, sempre pede para brincar novamente e se diverte muito quando está em boas companhias. **Paulinho** é carismático e muito simpático.

História do 2º ano do Ensino Normal A:



“No fundo do mar: Paulinho, o polvo. Paulinho era um polvo que vivia no fundo do mar. Ele era muito travesso e adorava pregar peças em seus amigos, contando com ajuda de seus oitos tentáculos. Ele também gostava muito de comer, no seu cardápio estavam peixes, ostras, caranguejos e até caramujos. Quando estava com fome caía como um paraquedas em cima da comida, parecia até uma brincadeira, mas Paulinho também era um pouco atrapalhado com todos aqueles braços. Certa vez, ele encontrou outro polvo que era seu amigo de infância. – Polvinho, há quanto tempo que não te vejo. Paulinho logo foi dar um abraço no amigão e a alegria foi tanta que os dois acabaram presos no meio de tantos tentáculos. – Polvinho, acho que estamos amarrados. Minutos depois lá estavam os outros amigos ajudando a desembaraçar aquele nó e, se fossem atrapalhados como Paulinho, acabariam todos em uma grande confusão”.

A **Princesa** é a sexta personagem que eu escolhi, mas agora para representar a turma do 2º ano do Ensino Normal B. Além dessa ser uma história bem conhecida, que tem filme e está descrita em diversos livros, a estudante escolheu contá-la utilizando uma música de fundo, que a auxiliou a determinar o tempo de começar e de finalizar a história.

Com isso, a turma do 2º NB passou a ser representada pela **Princesa**, a qual encanta a todos por onde passa. Ela é carismática, meiga, inteligente, ama ler e sempre tem novas histórias para contar, assim como muita vontade de aprender coisas novas. Ela acha que para tudo deve-se ter união, seja na família, na escola ou com amigos, pois, segundo ela, a união faz a força.

História do 2º ano do Ensino Normal B:



“A Princesa e o Sapo: era uma vez uma princesa que vivia em um reino muito distante, ela passava as tardes brincando com sua bola de ouro nos jardins do castelo, um dia a bola caiu dentro de um lago e a princesa ficou muito triste, nessa hora surgiu um sapo que lhe perguntou o porquê de tanta tristeza. E sabendo do ocorrido, o sapo prometeu que resgataria a bola da jovem, mas havia uma condição: que ela lhe desse um beijo. A princesa concordou, pois queria aquela bola, entretanto, ela correu para o castelo sem ao menos agradecer. O sapo ficou muito frustrado e gritou: – Mas princesa, você me prometeu! – A partir daí, o sapinho começou a acompanhar a princesa em todos os lugares, exigindo a sua recompensa. Um dia, cansado o sapo foi até o rei e disse: – A princesa me prometeu um beijo, pois resgatei a sua bola de ouro, mas ela não quer cumprir a sua promessa. O rei chamou a filha e lhe disse que uma promessa real deve ser sempre cumprida, assim a princesa tomou coragem e finalmente beijou o sapo. Para a sua surpresa, o sapo asqueroso se transformou em um lindo príncipe e os dois se apaixonaram, vivendo felizes para sempre”.

A **Gina**, a girafa, é a sétima personagem que eu escolhi, agora para representar a turma do 2º ano do Ensino Normal C. A história da **Gina** descreve bem o personagem, ou seja, uma girafa, um animal que acho lindo. E, ao contar a história, a estudante faz um jogo bem divertido com as palavras.

Com isso, a turma do 2º NA passou a ser representada pela girafa **Gina**. Ela não é grande só de tamanho, pois também tem o coração gigante. Ela é amiga de todos os animais e sempre adora fazê-los rir. Mas **Gina** também é bem curiosa, tem muita vontade de aprender e sempre tem uma opinião para tudo.

História do 2º ano do Ensino Normal C:



“Gina a girafa: Gina é uma girafa, ela é gentil e vaidosa, gosta de comer folhas. Gina é fina, mas também é gulosa. Gina tem o pescoço comprido, ela é alta e elegante, gosta de passear no bosque, e seu coração é gigante. Gina é alegre e carinhosa, seu jeito de andar a deixa ainda mais charmosa. Gina é uma girafa corajosa, mas um pouco sonsa, sua cor é amarela com umas pintas marrons. A girafa Gina é muito rápida, ela gosta de dançar, Gina gira pra lá, Gina gira pra cá, Gina é minha amiga e com ela vou brincar. Gina está contente, e sorri alegremente, Gina vai ganhar uma folha bem gostosa para poder se alimentar”.

Além da Contação de Histórias, também procurei provocar os estudantes a pensarem sobre algumas palavras que surgiram conforme o andamento das aulas. Chamei essa definição de Verbetes¹, cuja a prática foi inspirada no livro *Casa das estrelas - O universo pelo olhar das crianças*, de Javier Naranjo (2018). Para realizar essa atividade, eu escrevia uma palavra no chat do *Google Meet* e os estudantes, logo abaixo, escreviam o seu entendimento sobre a palavra. Trago aqui, como exemplo, o jogo com a palavra “Personagem”:

Segundo o *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (2010, p. 581), “Personagem” define-se como “pessoa notável; personalidade”. Já na construção dos verbetes desse trabalho, a partir da perspectivas dos estudantes das turmas trabalhadas, surgiram algumas outras definições para a palavra “Personagem”, como pode-se observar abaixo:

¹ Conheci esse termo a partir da Prof^a Dr^a Camila Borges dos Santos, durante a disciplina de Prática Educacional em Teatro II - Infâncias, Teatro e Escola, realizada no 4º Semestre do curso de Licenciatura em Teatro, da UFSM.

- Para **Pedrinho**, personagem é: aquele que faz parte de uma história; uma pessoa que interpreta alguém; aquele que vive dentro da história que é contada ou a pessoa que passou pelos acontecimentos; *Superman*.
- Para **Ka**: ajudante de uma história; pessoa papel.
- Para **Paulinho**: ator; experiências.
- Para **Princesa**: vida imaginária; poder viver e experimentar várias identidades.
- Para **Gina**: diversidade; talento; encenação.

Além disso, durante todas as aulas sempre ressaltar que, quando estamos trabalhando com a linguagem teatral, não existe certo ou errado. Assim sendo, os estudantes poderiam se permitir escrever o que sentissem, quisessem ou entendessem das palavras desse trabalho. Isso foi possível porque houve uma interação e, conforme Soares (2006), a relação de estudantes e professores é uma relação de troca, de conversa, que um auxilia o outro. Ou seja, o trabalho pedagógico, para ser um processo vivo, necessita ser significativo para os envolvidos.

Portanto, acredito fortemente na conduta de um professor que propõe experimentações dentro do processo criativo, de maneira que os estudantes se sintam livres e mobilizados para vivenciarem a proposta. Desse modo, os estudantes participam ativamente e, com isso, há uma troca entre estudante e professor, entre contador e ouvinte.

3 - O ato de contar

*D*urante uma das aulas com o Ensino Médio, surgiu um debate sobre o que seria a contação de histórias. Nesse debate, o seguinte questionamento destacou-se: “É possível contar histórias sem que seja a partir de um livro?”. E, frente a essa questão, logo lembrei de minha avó.

Minha avó não aprendeu a ler e nem a escrever nada que não fosse o seu próprio nome: Maria. Contudo, ela nunca deixou de ser a minha maior referência em contar histórias. A minha avó sempre contou histórias sobre a sua infância, sobre a vida difícil que teve que enfrentar, com muita pobreza e muito trabalho. Seu pai tirou-a da escola na primeira série, antes da alfabetização. Na época, apenas os homens – seus irmãos – poderiam estudar. E ela, enquanto mulher, deveria trabalhar e fazer os serviços domésticos.

Essa lembrança, por outro lado, me remete à ideia que Bia Bedran (2012) traz em seu livro – *A arte de cantar e contar histórias* – sobre o contador de histórias tradicional. Esses contadores sempre estiveram presentes na sociedade, contando sobre fatos, curiosidades, criando histórias, lendas e também contando sobre a sua própria vida.

Ademais, o ato de contar histórias nasceu com a própria humanidade e existe há muito tempo, até mesmo antes do ato de ler ou de escrever. Acredita-se, ainda, que foi a contação de histórias que incentivou, e ainda incentiva, essas e outras formas de comunicação, as quais foram se desenvolvendo ao longo de muitos séculos. Nesse viés, segundo Medeiros e Moraes (2016, p. 9):



Contar histórias é uma arte ancestral, cujo fascínio sobre o ser humano permanece, ao longo do tempo, colaborando consolidação do imaginário coletivo e enredando narradores e para a ouvintes em uma mesma trama. Desde a infância e por toda a vida, ela faz parte da construção da identidade e da afetividade. Nesse sentido, a fabulação nos possibilita experimentar o prazer de perceber o mundo e a existência por meio de representações que nos levam a conhecer outras realidades, e a refletir, transcender e desenvolver uma acuidade sobre o real, nos habilitando a percebê-lo sob um olhar renovado.

Em relação as minhas histórias, quando penso nelas, sinto algo muito emocionante. Lembro da minha infância e de toda a minha vida, dos momentos bons, mas também daqueles não tão bons. Foi a minha história que me fez chegar aonde estou, que construiu minha identidade e minha afetividade.

Ao refletir sobre isso, provoquei os estudantes a pensarem nas suas histórias, e eles pensaram no passado, no que viveram, nos momentos que gostaram e que construíram a identidade deles. Os estudantes do Ensino Médio, por exemplo, trouxeram essa lembrança da infância, com saudade. Os do Ensino Fundamental também trouxeram essa lembrança da infância, mas agora como algo que estão vivendo, pois ainda gostam de brincar. Ainda, sobre essas percepções, Lopes (2010, p. 137) ressalta que “lembrar não significa fidelidade aos fatos como eles realmente aconteceram. Lembrar está ligado ao imaginar, ampliar, omitir. Distorcer faz parte dos mecanismos da memória, na medida em que nossa imaginação acrescenta ou retira os fatos como uma autodefesa da sua mente.”

Sobre o ato de contar, diversas vezes já comecei a contar uma história ao lado da minha irmã ou dos meus primos e escutei: “*mas não foi bem assim*”. Eu tinha certeza que era da maneira que eu contava. A minha memória, minha imaginação diziam que era assim. A memória deles trazia alguns detalhes diferentes. Assim, percebo que o contar depende muito do ponto de vista e de como cada um é afetado ou não pelos acontecimentos. Quando lembramos as nossas histórias, estamos materializando as nossas memórias e o que sentimos. É a nossa percepção, que pode ser de muito tempo atrás ou de alguns dias ou horas. E assim vou construindo as minhas histórias para serem contadas.

A história é algo que é passado de geração para geração. Quando o narrador conta uma boa história e o ouvinte se permite ouvir e imaginar, a história ganha vida, tanto para quem narra, quanto para quem escuta. Segundo Bedran (2012), o contador de histórias tradicional não age por meio da técnica de oratória, interpretação ou pesquisa bibliográfica. A maioria das suas narrativas são do seu próprio meio cultural ou da sua criação que, como fonte, usam sua própria vida. Assim como minha avó que, sem saber ler e escrever, conta sobre sua vida, sobre histórias que já viveu, sobre os causos e lendas que escutou e também cria outras histórias.

Nesse contexto, Bedran (2012) traz o conceito de tradição oral, que designa uma ancestralidade. Essa tradição, segundo a autora, é marcada pelo anonimato dos seus criadores e, “por sua vez, esse anonimato transforma este legado cultural ao mesmo tempo que o preserva e o enriquece com a soma de novos criadores, de geração a geração” (BEDRAN, 2012, p. 103). Por exemplo, vários contos de fadas tiveram como origem a tradição oral. Posteriormente, alguns autores, após ouvirem a história, resolveram escrevê-la. Assim, por não ser uma obra de um único autor, ela se modificou, se transformou, e cada um que contava e que escutava colocava um pouco de sua imaginação na história. Como diz o ditado popular: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Em diversas vezes e situações, por exemplo, me deparei e ainda me deparo com pessoas que contam histórias. E, independentemente da idade, frequentemente encontramos alguém contando histórias, sejam elas sobre algo que já viveu ou um conto, um caso, uma lenda. Certa vez, junto com a minha família, durante um acampamento, minha tia Katiane, aquela que sempre contou muitas histórias, começou a contar a história do “Homem da Capa Branca”, para mim e para todos os meus primos. A história era mais ou menos assim:

“Era uma vez um homem que vivia rondando os acampamentos da região, vestindo uma capa branca. Ele não gostava muito de crianças, então pegava todas elas para guardar dentro de um galpão. Ele ficava correndo entre as árvores e somente as crianças conseguiam enxergar ele”.



Lembro que essa história nos deixou assustados, mas ao mesmo tempo inquietos, e começamos a procurar o tal “Homem da Capa Branca”, começamos a enxergá-lo. Ele corria de um lado para o outro, uma hora estava longe, perto dos matos, e uma hora na beira do rio, outra estava bem perto da cabana e outra hora saía de dentro da patente, que estava localizada mais longe da cabana. Começamos a ficar nervosos, mas nos encorajamos e fomos à caça desse homem, corríamos atrás dele e ele estava do outro lado. “Como pode ser tão rápido?” – pensávamos. Que nervoso! Decidimos nos dividir, cada um dos primos foi para um lado e, de repente, escutamos um barulho no rio, “*puff*”, meu primo tinha empurrado no rio o tal “Homem da Capa Branca” que, na verdade, era o meu tio. Mas como ele poderia correr tão rápido, de um lado para o outro do acampamento, como se fosse um piscar de olhos?

Na realidade, minha tia havia envolvido todos nessa história, e eram todos os meus tios enrolados em um lençol branco, quando um sumia, outro aparecia e, assim, nós não entendíamos o que estava acontecendo, pois esse “homem” estava em todos os lugares. No final, rimos, nos divertimos e brincamos todos juntos. Essa história me marcou muito.

Esse ano, conversando com a minha irmã, que era bem pequena na época, tinha uns 5 anos e eu uns 11 anos, descobri que ela lembrava da história e disse ter sentido muito medo. Falamos também sobre a adrenalina de procurar e querer entender tudo. E quando fui conversar com a minha tia – aquela que tinha contado a história – para saber a origem, ela disse que não sabia e que nem lembrava da história, que provavelmente havia inventado na hora. Então, ao recontar essa história, falo sobre uma lembrança

e também sobre a minha imaginação. A partir disso, percebo que algumas histórias eu realmente não lembro, enquanto outras – que parece que não lembro – me recordo quando começo a escutá-las. Desse modo, me movo de alguma maneira, transformando e recriando essas histórias.

Durante a proposta de áudio no Ensino Médio, escutei diversas vezes, por parte dos alunos, que eles não sabiam o que contar, que não tinham nada para contar, que era difícil pensar em algo ou que não tinham o talento e a prática de contar histórias. Então, quando propus jogos para lembrar da infância, sobre a história do seu nome, contos, causos e lendas que ouviam, todos sabiam algo para contar e essa se tornou uma troca muito dinâmica. Nesse viés, como argumenta Augusto Pessoa (2015 *apud* DUARTE, 2020, p. 8):

Não há necessidade de ter o dom, pois essa é uma prática inerente ao ser humano, uma vez que contamos histórias o tempo todo: relatamos o que aconteceu durante o dia ao chegar à noite em casa; narramos um filme, um livro ou uma novela que nos emociona de alguma forma etc. É a emoção que nos move como contadores de histórias. Tudo por causa da paixão, seja ela como for, torna-se parte do nosso repertório como narradores.

Acredito, ainda, que os estudantes estavam preocupados em contar algo perfeito e, por isso, tinham medo de errar, mas o que importava, de fato, era eles contarem uma história de maneira leve e tranquila. Então lancei a ideia inicial, que consistia em: “*O que você gostava de brincar na infância?*”. E, assim, os alunos começaram a contar suas histórias. Inicialmente, os que se sentiam à vontade, até que toda a turma participasse.

No Ensino Fundamental, os estudantes já chegavam na aula contando suas histórias, sobre o que fizeram no final de semana, o que aconteceu na rua da sua casa ou o que aconteceu com seus familiares. Desse modo, eu não precisava nem pedir, não precisava solicitar nada, pois surgiram muitas histórias espontaneamente, ao longo da aula. Quando fiz a solicitação do envio do áudio contando alguma história, alguns contaram histórias que gostavam, mas a maioria narrou alguma história que aconteceu na sua vida ou que criou.

Por exemplo, durante uma das aulas, como estávamos de forma remota, minha cadelinha, a Leona, subiu em cima da mesa, e os estudantes a viram e logo começaram a fazer comentários. O **Caçador de Lendas** saiu da frente da câmera e, quando voltou, estava com o seu gato, mostrou seu passarinho, seus patos, gansos e porcos, assim como contou sobre a sua relação com os animais de casa.

Dessa maneira, essa situação vivenciada em sala de aula, ainda que de maneira remota, se relaciona com a perspectiva de Carmela Soares (2006, p. 98), a qual afirma que “estamos todos no jogo: escola, professor, aluno e a classe toda”. Ou seja, cada circunstância dada ali, naquele momento, durante a aula, como os pais que passavam atrás da câmera, a forma que os estudantes estavam sentados, os materiais que eles ocupavam, a forma que conseguiam assistir e participar da aula, fazia parte desse jogo. Ainda, quando os estudantes começaram a trazer os seus animais para a videochamada, contar sobre eles, não era algo planejado, isso apenas surgiu, e eu entrei no jogo. Afinal, como afirma Soares (2006, p. 99): “estamos no jogo e está valendo”.

Além disso, senti as crianças do Ensino Fundamental mais livres para falar, conversar, criar e imaginar do que os adolescentes do Ensino Médio. Os adolescentes parecem ter mais vergonha de se expor, talvez por medo de errar, enquanto as crianças deixam a imaginação fluir e se permitem fazer e falar o que têm vontade.

Cabe ressaltar que consegui me aproximar mais dos interesses e dos gostos dos estudantes conforme fui os conhecendo e também trazendo histórias que fazem parte da realidade deles e/ou que trazem entendimento, compreensão e que despertam a imaginação desses estudantes. Acredito, ainda, que a história deve ser interessante para quem está contando e para quem está ouvindo. Dessa maneira, torna-se importante escolher bem as histórias e os recursos a serem utilizados nesse trabalho, assim como deixar o estudante livre para escolher o que deseja contar.



Em relação a isso, conforme já havia apresentado no projeto de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I), Nancy Mellon traz algumas técnicas sobre contar histórias em seu livro *A arte de contar histórias* (2006). Nessa obra, a autora elabora um “guia” para construir a sua própria história, de modo que essa história consiga “prender” a atenção dos ouvintes e provocá-los a imaginar.

A autora aponta que as escolhas são essenciais na hora da contação da história, como escolher os nomes dos personagens, as estações do ano e em que lugar a história está se passando. Mellon (2006) também afirma que a música cria imagens, como sons de passarinho, cachoeira e outros efeitos sonoros que podem nos remeter ao entendimento de que a história está se passando em alguma floresta. Os sons também nos auxiliam a reconhecer algum personagem ou certa situação, como a de perigo ou a de alerta, geralmente representada por uma música de suspense. Assim, a autora explica como podemos trazer materiais musicais para contribuir na contação de histórias, como algum instrumento musical ou algo que produza som, os quais podem ser algum instrumento que já se tenha em casa ou até mesmo criado a partir de sucatas.

Ainda, Mellon (2006, p. 33) disserta sobre como começar e finalizar uma história, afirmando que o

"era uma vez", que faz parte de muitas das grandes histórias, permite que você experimente um novo ingresso no tempo. O “*era*” traz um sentimento de imediatismo; “*uma*” leva o cenário da história na imaginação; “*vez*” leva você e seus leitores tanto para o passado quanto para o futuro.

Assim, a esperança de um final feliz ou de alguma moral é permanente durante toda a história. E, quando essa história chega ao fim e tudo é resolvido, ela causa um alívio e uma satisfação ao público. Nesse sentido, Mellon (2006, p. 36) afirma que:

Um final feliz arquétipo impõe duas questões. A primeira é a descoberta do amor verdadeiro e sua celebração por todo o reino. A outra diz respeito à autonomia. Quando duas almas se unem, muitas vezes depois de grandes angústias e oposições, nosso eu infantil fica profundamente satisfeito em saber que a união irá durar "para sempre", ou que, pelo menos, "se não morreram, permanecem vivos".

A exemplo, quando a **Princesa** conta a história da “Princesa e o Sapo” no envio do áudio, ela inicia com uma musicalidade suave ao fundo e aos poucos vai baixando a música, e a **Princesa** começa a contar. E, quando finaliza a história, ela aumenta novamente a música. Portanto, a música, nesse caso, auxiliou na imaginação da história, construindo um universo mais dócil e meigo, assim como demarcou o início e o final da história. Dessa maneira, a **Princesa** utilizou a técnica da musicalidade proposta nas aulas, como um recurso para o ouvinte e como um auxílio para iniciar e finalizar a história.

Além da musicalidade, durante as aulas, eu trouxe alguns exercícios teatrais para a voz, como: aquecimento vocal, articulação e intenção de palavras e frases, a partir da entonação. Assim como mostrei para os alunos que, para se contar histórias, devemos ter um cuidado e uma atenção com o nosso corpo: aquecer, alongar e colocá-lo em movimento, trabalhando suas qualidades.

Ademais, além do trabalho com o áudio, fiz um exercício complementar a partir da leitura de textos curtos, que nomeei de *Leitura Dramática*. Essas leituras possibilitaram trabalhar a intenção do texto, as possibilidades de variações das vozes dos personagens e também as diferentes musicalidades e sons para o desenvolvimento da história. Assim, conforme a leitura dos estudantes se apropriavam do texto, eu fazia indicações para a mudança das intenções, para que fosse possível identificar, por exemplo, quando o personagem estava bravo ou calmo.

Novamente, assim como em outras atividades, alguns estudantes ficaram um pouco receosos de experimentar e, com isso, voltei a falar que não existia o certo e nem o errado, que estávamos ali para jogar, se divertir e aprender juntos. Diante disso, aos poucos os estudantes foram se soltando e participando.

Ademais, alguns queriam praticar a leitura mais de uma vez, enquanto outros sequer tentaram. Em relação a isso, cabe ressaltar que muitas vezes os estudantes têm medo do erro e de serem criticados pelos colegas, então preferem não fazer. Nessa experiência, percebi que no Ensino Médio isso aconteceu muito mais do que no Ensino Fundamental. Isso porque, no exercício da leitura dramática, as crianças se divertiram. Tiveram leituras, inclusive, que os estudantes pediram para repetir. Eles se experimentavam na voz e brincavam com diferentes sotaques e intenções, desse modo, me encaminhando para o final dessa história.

4- Final Feliz

*A*o chegar no final dessa história, decidi revisitar duas experiências que foram importantes para mim durante a minha graduação: os Estágios I e II. Lembro que no início da graduação questionei a Irene, secretária do Curso de Licenciatura em Teatro, se era possível fazer os estágios na minha cidade natal – Santo Cristo-RS –, e ela me informou que não poderia. Aceitei, até porque já esperava por essa resposta, pois a minha formação estava sendo realizada na cidade de Santa Maria-RS.

Então chegou o ano do primeiro estágio, o qual seria realizado no Ensino Fundamental. Era março de 2020, e eu já estava nervosa por esse ser um dos momentos mais importantes da graduação. E, nesse mesmo ano, começou a pandemia da Covid-19 que, segundo os protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS), tinha como menor maneira de contágio e de propagação do vírus o distanciamento físico. Desse modo, com a pandemia houve diversas modificações sociais e com a educação não foi diferente. Assim, passamos a ter aulas remotas e eu voltei para a minha cidade.

Durante esse primeiro semestre, nas aulas de estágio, tentávamos elaborar a melhor maneira de como agir diante da situação que estávamos presenciando, uma situação nova e desafiadora. Para tanto, decidimos, em conjunto, professora e turma, fazer o estágio também de maneira remota e, para a minha surpresa, pude então realizar o Estágio no meu município de origem: Santo Cristo-RS, e assim o fiz.

Finalizei o Estágio I no 2º semestre de 2020 e foi incrível. Foi um momento de grande aprendizado. No Estágio II, eu pretendia continuar de maneira remota, porém, as escolas da minha cidade não estavam mais aceitando estagiários nessa modalidade, somente presencialmente. Todavia, a UFSM ainda não permitia realizar estágios presencialmente, então procurei outro estágio em

uma escola que tinha muita vontade de conhecer e que localizava-se em outra cidade, próxima da minha, onde havia o Ensino Normal, o Magistério. Com isso, realizei o meu estágio II na cidade de Santa Rosa-RS e essa foi uma experiência única.

Ambos os estágios superaram as minhas expectativas, pois esse foi um longo período de intensa troca de vivências e experiências, no qual me coloquei como artista-professora de Teatro e, agora, revisito esses momentos para escrever o presente trabalho, o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, durante todo esse processo, procurei analisar como os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio reagiam aos exercícios propostos de Contação de Histórias e do Jogo Teatral.

Nos dois Ensinos, Fundamental e Médio, fiz as mesmas orientações em todas as atividades e, com isso, pude perceber que cada um deles reagiu de uma forma diferente, com as suas particularidades. Percebi também que cada um tem o seu tempo e lida com ele da forma que acha melhor. Assim, tive esse olhar sensível e entendia quando ficavam um pouco receosos para jogar e, com isso, tentava motivá-los, dando algumas indicações para que o jogo se desenvolvesse de uma maneira que os deixassem com vontade de participar de todas as atividades, seja nos jogos, no ato de contar histórias ou no aprender mais sobre possibilidades do fazer Teatral.

Além disso, notei que a atividade dos áudios desencadeou diversas lembranças nos estudantes, principalmente a partir de relatos de vida ou lembranças de alguma história que gostavam na infância. Sobre isso, percebi que os estudantes do Ensino Fundamental se permitiram contar mais sobre essas lembranças, quando comparados aos do Ensino Médio. Ainda, esses alunos se intitulavam os próprios personagens da história e contavam fatos ou momentos das suas vidas. Para além das atividades propostas, os estudantes também contavam os seus cotidianos em diversos momentos da aula.

Porém, no Ensino Médio, como mencionado anteriormente, senti um recuo da parte deles, pois esses alunos mostravam um pouco de dificuldade ao contar as suas histórias, principalmente no envio de atividades. Desse modo, notei que esses alunos costumavam contar histórias clássicas, como contos, lendas e histórias infantis, ou seja, algo que não fosse próprio deles. Por exemplo, uma estudante até chegou a falar que não tinha história para contar e que decidiu, então, pegar de uma história de um

livro infantil. Em contrapartida, nas atividades propostas em sala de aula, em que eu solicitava que me contassem sobre a sua infância ou um fato da sua vida, eles se permitiam contar e ouvir.

Dessa maneira, comparando as devolutivas do Ensino Fundamental com as do Ensino Médio, percebo que as crianças do Ensino Fundamental são mais livres e não apresentam o medo de errar ou o medo do julgamento. Elas gostam de falar, se permitem criar, entram na história, viajam na imaginação e se divertem fazendo. Ao pensar nas atividades feitas em aula ou no envio das atividades, noto que quando feito em aula e tendo como base uma pergunta ou um assunto que interessante a eles, os estudantes se permitiam participar, lembrando de suas histórias e contando-as até mais de uma vez para a turma.

Frente a isso, considero o ato de contar histórias algo comum no cotidiano, principalmente quando conversamos com outras pessoas e contamos sobre um fato, sobre nossa infância, sobre o que aconteceu conosco, sobre o que aconteceu em nossa volta. E, a partir dessa percepção, noto que quando eu fornecia um mote para uma história, a maioria dos alunos tinha algo para contar.

Na última aula, por exemplo, em cada uma das turmas fiz o verbete “Nossas aulas”, esse era um momento para dar um *feedback*, ou seja, dizer como foram as aulas ou como se sentiam em aula. Com isso, fiz um apanhado geral sobre o que cada estudante da turma escreveu nesse exercício, levando em consideração os *feedbacks* que eram mais semelhantes ou que a maioria trouxe. Assim, apresento os verbetes de cada turma – através dos seus personagens – sobre “Nossas aulas”:

- **@Vb**: “Para aprender; divertidas; eu amei as nossas aulas e eu achei que a ‘profe’ Letícia foi muito boa com nós, principalmente nas brincadeiras, eu amei”
- **Caçador de Lendas**: “Uma experiência e vários aprendizados; ensino; aprendemos outras coisas”
- **Pedrinho**: “Uma aventura e tanto; Foi muito legal, eu adorei as atividades e o jeito como você ensina teatro; aulas muito divertidas e que nunca vamos esquecer o aprendizado que tivemos aqui”
- **Ka**: “Eu adorei demais, adorei ser sua aluna, espero que um dia você possa me dar aulas de novo; legais, divertidas, muito legais”

- **Paulinho:** “Novidades; risadas; incrível, gostosas”
- **Princesa:** “Comunicativas; versáteis; adorei muito, me ajudou a soltar minha imaginação e me autoconhecer ainda mais, parece que me mostrou mais uma vez que não preciso ter vergonha de ser quem sou; muita interação e divertimento”
- **Gina:** “Diversão, conhecimento, satisfação; motivacional e aconchegante”

Esses verbetes, portanto, confirmam o quanto esse foi um processo satisfatório e que atingi os meus objetivos, sabendo que posso ampliá-los pelo vasto campo do contar histórias, através da linguagem teatral. Ainda, houve um verbete em especial que me marcou muito, o da **Princesa**, quando ela disse que, em nossas aulas, a ajudei a soltar a imaginação, se autoconhecer e que mostrei que ela não precisa ter vergonha de ser quem é. Ao ler isso, me senti realizada, pois era exatamente isso o que eu queria ensinar. Logo, me senti no verdadeiro “Final Feliz”.

Eu queria proporcionar uma experiência única para os estudantes. Queria que me contassem suas histórias, as histórias que ouviram dos seus avós, dos seus pais, dos seus tios, queria que fizessem arte e teatro junto comigo, e assim se fez. Fiquei muito satisfeita com o andamento dos estágios e com a maneira que os estudantes receberam as aulas, como lidaram com elas e com o que sentiram ao finalizar.

Além disso, gostaria de contar uma história, mais uma de tantas: eu moro em uma cidade pequena, então conheço quase todo mundo e, certa dia, fui ao mercado e passei por uma criança que estava fazendo compras com sua mãe e essa criança falou: – Mãe, a Profe Leti, aquela legal que fazia, brincadeiras! Então olhei para o lado e percebi que era o **Pedrinho**. Sua mãe me elogiou muito, disse que o filho perguntava se eu iria voltar a dar aula para ele e que inclusive falava para ela que queria fazer Teatro com a Professora Letícia. Me senti realizada, estava com um sorriso enorme no rosto e com a sensação de dever cumprido, pois consegui chegar ao meu objetivo nos estágios: cativar os estudantes, contar e escutar diversas histórias.

Ainda, quando decidi unir as duas coisas que eu gosto – a Contação de Histórias e o Teatro –, trouxe para os estudantes muito sobre mim, sobre tudo aquilo que estudei e me preparei durante a minha trajetória de vida. Assim, mostro a Contação de Histórias como parte do nosso cotidiano, afinal, sempre temos muitas histórias para contar. E apresento o Teatro, aquele que eu me apaixonei e me apaixono cada dia mais e que, após os relatos de alguns estudantes, acredito ter feito alguns se apaixonarem também ou, pelo menos, acender a chama da paixão dentro de alguns deles.

Desse modo, no fim dessa história, junto com os personagens, [@Vb](#), [Caçador de Lendas](#), [Pedrinho](#), [Ka](#), [Paulinho](#), [Princesa](#) e [Gina](#), percebo que ao recontar essas histórias sobre meus estágios conto também um pouco sobre minha trajetória pessoal, em que recrio e revisito todo esse meu processo de futura profissional de Licenciatura em Teatro. Aliás, aos personagens, gratidão por terem construído essa grande história junto comigo e por terem se permitido jogar, brincar, contar e fazer Teatro.

Por fim, essa história, embora termine aqui, jamais será esquecida e sempre será contada.

Fim...

Referências Bibliográficas

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio do Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CIMINO, Valdir. **Eu conto!** 1. Ed. São Paulo: Matrix, 2013.

DUARTE, Valquíria. OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN COMO POSSIBILIDADE DE CONTAR HISTÓRIAS COM/NO CORPO PARA PROFESSORES. **Moringa**, v. 11, n. 2, p. 223-233, 2020.

FERREIRA, Aurélio. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 8. Ed, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados, 1989.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias: narrativas e performance em aulas de teatro. **Revista do programa de Pós-graduação em arte da UnB**, Brasília, v.13, nº2, p. 230-248, 2014.

LOPEZ, Beth. A performance da memória. **Sala Preta**, v. 9, p. 135-145, 2010.

MACHADO, Maria Marcondes. TEATRO E INFÂNCIA, POSSÍVEIS MUNDOS DE VIDA (E MORTE). **Revista Aspas**, v. 4, n. 2, p.3-14, 2014.

MEDEIROS, Fábio e MORAES, Taíza. **Contaçõ de histórias: Tradição, poéticas e interfaces**. 1º ed. São Paulo: Sesc, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zFBJDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=tradi%C3%A7%C3%A3o,+po%C3%A9ticas+e+interfaces&ots=naji3_0hna&sig=5JbVuHwR5R1C9nwH0qWZhEcN-wk#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Tradução de Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

NARANJO, J. **Casa das Estrelas**. O universo contado pelas crianças. São Paulo: Planeta, 2018.

PÉREZ, Elvira. **Narração oral ou teatro?** In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, p. 153-174, 2012.

SOARES, Carmela. **Teatro e Educação na Escola Pública**: Uma Situação de Jogo. In: TAVARES, Renan. Entre coxias e recreios: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

SOUSA, Mauricio de. Entrevista ao jornal Folha de São Paulo, dezembro de 1982. Disponível em <<https://www.frasesfamosas.com.br/frase/mauricio-de-sousa-eu-faco-historias-para-contar-hi/>>. Acesso em: 18 de jan. 2022.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula**: um manual para o professor. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. 1 reimpr. da 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.